

REVISTA
DO
BRASIL

VOL. X

JANEIRO - ABRIL DE 1919

ANNO IV

DIRECTOR, MONTEIRO LOBATO
SECRETARIO, ALARICO F. CAIUBY

S. PAULO - BRASIL

INDICE GERAL DO VOLUME X

Numero 37-25 de Janeiro de 1919

UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE, Sud Mennucci	3
VIAJANDO (VI), Martim Francisco	11
PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA, Ugo Pizzoli	32
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (II), J. A. Nogueira.	44
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (II), Affonso d'Escragnolle Tannay	47
VERSON, Salles Campos	55
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL, Francisco Iglesias	69
SEM REPLICHA NEM TREPLICHA, Othoniel Motta	72
O CHAPEU DE SOL, Tristão da Cunha	76
A' MARGEM DE UM LIVRO, A. Amoroso Lima	83
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	88
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	99
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	102
RESENHA DO MEZ, Redacção	106

Numero 38-25 de Fevereiro de 1919

O MOMENTO, Redacção	133
UM CONFRONTO INFELIZ, Brenno Ferraz do Amaral	135
VIAJANDO (VII), Martim Francisco	140
O CASO DO TOMBO, Monteiro Lobato	155

REVISTA DO BRASIL

UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE (II), Sud Mennucci	161
UM TRABALHO INÉDITO, Orville A. Derby	171
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (III), J. A. Nogueira	177
VERSOS, Maria Eugenia Celso e Carlos Magalhães de Azeredo	184
O COLIBRI, Léo Vrz	193
CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL (II), Francisco Iglesias	196
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (III), Affonso d'Escragnolle Taunay	202
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	208
LINGUA VERNACULA, Antonio Mauro	217
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	220
ARTES E ARTISTAS, Redacção	223
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	227
RESENHA DO MEZ, Redacção	233

Numero 39-25 de Março de 1919

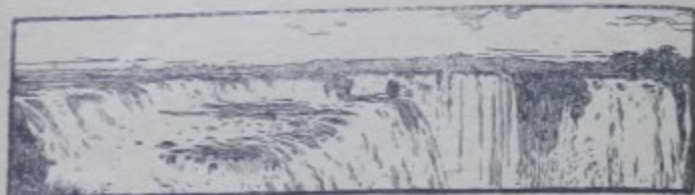
A'S CLASSES CONSERVADORAS, Ruy Barbosa	255
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	289
VERSOS, Heitor de Moraes, Manoel de Azevedo e Rodrigo Octavio Filho	296
A AMERICA E A GUERRA, Helio Lobo	301
PERLUSTRAÇÕES MEDICAS, Renato Kehl	305
CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL (III), Francisco Iglesias	311
O FIGADO INDISCRETO, Monteiro Lobato	315
VIAJANDO (VIII), Martim Francisco	321
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (IV), Affonso d'Escragnolle Taunay	339
NOTAS DE UM LIVREIRO, Tancredo Paiva	344
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	349
ARTES E ARTISTAS, Redacção	346
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	358
RESENHA DO MEZ, Redacção	362

Numero 40-25 de Abril de 1919

A QUESTÃO SOCIAL E POLITICA NO BRASIL, Ruy Barbosa	381
VIAJANDO (IX), Martim Francisco	422
BOSSORÓCA, Othoniel Motta	431

INDICE

JOSÉ INGENIEROS, Henrique Goenen	440
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (VI), J. A. Nogueira	449
VERSOS, Carvalho Atraha	458
CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL (IV), Francisco Iglesias	462
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (V), Affonso d'Escragnolle Taunay	466
LINGUA VERNACULA, Antonio Mauro	471
NOTAS DE UM LIVREIRO, Tancredo Paiva	475
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	477
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	480
RESENHA DO MEZ, Redacção	491



PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA ⁽¹⁾

“HARPA IMMENSA...”

Corria o mez de Maio de 1899.

Carducci, com seu rancho de amigos, assentára tendas no Café Galvani. Entre estes, havia literatos, poetas, um ou outro advogado, raramente algum medico. Os tempos favoreciam as pesquisas relativas á fina tessitura do systema nervoso. Aos classicos estudos de Tamburini e de Bianchi sobre as localisações cerebraes, se juntavam as originaes descobertas de Belmondo sobre as cellulas nervosas da medulla espinhal e as decisivas conquistas de Golgi com suas novas e geniaes applicações de coloração dos elementos histologicos nervosos. Já não era o entusiasmo commum, que as novidades despertam nas almas delicadas, mas um verdadeiro delirio que estimulava a um trabalho febril tantos cultores das sciencias biologicas.

Erguera-se uma mesga do manto que recobria o maior segredo do mundo e havia desejo de arrancar-o por completo.

Pretensão desmesurada? sonho de loucos? Sim — tudo o que quizerdes; mas “bem dita pretensão” — digo eu — pois que a ella sómente devemos as maravilhosas descobertas da physiologia cerebral, que tantas fadigas, tantos heroismos custaram a uma pleiade de pesquisadores geniaes. A esses delirantes enthusiasmos agradece a sciencia hodierna as suas conquistas...

(1) O presente artigo foi vertido do original italiano pelo professor Adalgiso Pereira.

A psychologia experimental dispunha de um canto apreciaavel de actividade no gabinete do phrenocomio de Reggio-Emilia. Todos os psychologos de Italia passaram por aquella gigantesca officina. A psychologia estava no seu periodo de formação, periodo epico, e tambem nós — a certos respeitoes — viviamos a vida dos rhapsodos! Cincoenta kilometros divididos entre manhã e noite e as visitas medicas realizadas ao alvorecer ou ao lusco-fusco me permittiam gosar alguma vez a vida da sciencia.

Eu vivia então — medico num valle bolonhez — com os olhos em Reggio. Estava alli — para mim e para outros ainda — a maior fonte de alegria, o verdadeiro centro de luz!

Com a mente repleta desse sacro enthusiasmo, certa noite perdi o trem e vi-me obrigado a pernoitar em Bolonha. Onde ir? Ao Café Galvani, sem duvida.

Enthusiasta de tudo o que cheirava a mocidade, disse-me o advogado Bojardi, ao ver-me chegar:

— Com que então estamos em vesperras da descoberta da alma! O rancho circundou-me de perto e me incitou a falar.

E sobre o marmore da mesa comecei então a mostrar os desenhos que, de mão em mão, illustravam as minhas descrições. Eram neuronios, eram cellulas pyramidaes que, com suas ramificações, se punham em contacto com outras cellulas, eram secções da camada cortical que se mesclavam a emaranhamentos de fibras! Que cahos! Depois, comparei o cerebro a um mecanismo com rodas, engrenagens, cadeias de transmissão, campainhas electricas para avisos, para ordens e assim por diante, sempre buseando comparações suggestivas.

E todo o rancho attento, sem pestanejar...

Então, para reforçar a theoria, lembrei um caso pratico:

— Este centro do ouvido é como uma roda que gira quando as imagens sonoras são evocadas pelo estro musical...

— Ahi está uma roda que me falta ao mecanismo, interrompeu Carducci.

— O centro graphico, continuei, é estimulado por imagens gra-

phomotoras e guiado pelo sentimento esthetico para as artes figurativas...

— Ah! está outra roda que não tenho, tornou ainda o Poeta.

Ninguém ignora que Carducci não sabia desenhar e que, em materia de musica, não ia além do hymno de Garibaldi.

Tentei um terceiro exemplo, mas foi inutil: Carducci, erguendo-se com uma bonacheirona expressão de commando, voltou-me:

— Basta! não continue... Aliás, me convencerá de que o meu cerebro não tem uma roda sequer!

Dada meia-noite, acompanhámos a casa o mestre e, ao deixarme, tornou-me elle:

— Bravo! Vá tambem a Reggio, e quando houver descoberto quem dá corda ao relógio... mental, venha dizer-m'o!

São passados annos, os estudos progrediram muitissimo — mas... ainda se não descobriu o relojoeiro.

•
• •

A' parte estas recordações pessoais — que portentoso aparelho encerra o estójo craneano! Milhões e milhões de cellulas, uma ao pé da outra, como num mosaico, todas em comunicação entre si — ainda as mais distantes — por meio de subtis filamentos brancos: as fibras nervosas. E todas estas cellulas estão collocadas em torno á periphèria da massa cerebral. São como as estrellas que envolvem o nosso globo. Verdadeiramente, são os astros da nossa mentalidade! Se movemos um dedo, é porque um grupinho de cellulas se pôz em vibração por ordem da vontade; se procuramos em nossa memoria uma descordada recordação, é a nossa consciencia que, penetrando no armazem das recordações — os psychologos lhe chamam o centro da memoria — examina uma por uma todas as cellulas, até encontrar a que contém a recordação buscada, e a arrasta para fóra...

Falamos, escrevemos, caminhamos, pensamos? — para todas estas varias acções ha um grupo de cellulas: encarregam-se de executar-as. E os grupos não se confundem e se dividem entre si e occupam um posto estavel e fixo. E' possível! Decerto: nem ha sobre isso a menor duvida. Quando a impressão da

“rosa” nos cae sob os olhos, estes a transmittem ao centro visual, que está situado nos lóbos occipitales do cerebro. E' erro pois dizer: “eu vejo com os olhos” porque os olhos não vêm, transmittem apenas a impressão.

O mesmo diremos de todos os outros sentidos, os quaes têm um centro proprio.

Se imaginarmos o cerebro visto em projecção, como na figura seguinte, então não será difficil perceber os prin-



cipales centros sensoriaes. No alto, o centro do tacto: todo o contacto, delicado ou grosseiro, nelle se vai fixar.

Sob o centro do tacto, na região das temporas, encontramos o centro do ouvido; mais abaixo, no bulbo rachidiano ou medulla alongada, o centro das sensações fundamentaes da vida organica: o prazer e a dor.

Mas estes são sómente os centros das duas fórmas de sensibilidade: a externa e a interna. Na camada cortical (substancia cinzenta) encontramos ainda os centros que dirigem os movimentos das nossas mãos, das pernas, dos musculos do rosto, de todos os outros, em summa.

Estas duas crianças me dão a opporrtunidade de illustrar duas acções algum tanto diversas.

Observar a da esquerda.

Na direcção dos olhos e na parte posterior do craneo, está o centro da memoria visual. A criança escreve a palavra “rosa”, por exemplo.



Do centro da memória visual, o estímulo, dirigido pela vontade, vai fazer vibrar o centro grapho-motor, que está por traz da fronte; deste centro parte uma ordem para um centro executivo da referida ordem, que se localisa na medulla espinhal, e, deste ultimo centro, aos musculos da mão e da vista, os quaes escreverão "rosa".

Assim se realisa a acção.



Mas, na mente dessa criança, a imagem da "rosa" desperta outras visagens de cor e de perfume, as quaes se ligam aos dois centros mediante fibras associativas.

Vejamos, porém, mais claramente este mecanismo de associação.

A, B, C, D, são quatro cellulas nervosas, chamadas neuronios, formadas por uma dilatação ramificada e por uma fibra longa cuja extremidade tambem se ramifica. Supponhamos que A seja uma cellula do tacto e que em O, S, venha a pousar um mosquito. Que succederá? A impressão de prurido é transmittida, por meio da fibra A á cellula B, que se acha na medulla espinhal, e desta



a C, C, que é o centro cerebral do tacto. Deste parte a ordem de enxotar o mosquito, ordem de que se incumbem a cellula C, que, percorrendo um caminho centrifugo, transmite a ordem á cellula D. Mas esta se expande nos musculos da mão e fal-a contrahir-se, isto é, obriga-a a executar o gesto necessario para afugentar o importuno insecto.

•
•

Na vida, cada um de nós faz o seu officio, pratica a sua arte, segue a sua profissão; por outros termos — realiza actividades manuaes ou espirituas que requerem a acção de um ou mais centros cerebraes.

O colono que colhe o café executa uma acção muito simples. Bastam-lhe os olhos para dirigir as mãos, e o centro do movimento destas para apañar o fructo. E' um acto puramente mecanico. Com o habito de realizar esta acção os centros que interveem a dirigil-a se associam, se harmonizam e, depois, com a continuidade, se tornam mais aptos para a acção que optimamente effectuam.

Assim o operario, que desde criança se habitua a bater o malho na bigorna, terá, com o exercicio, bem desenvolvido o centro dos movimentos dos braços e das mãos; o soldado, affeito ás marchas, á corrida, juntamente com a agilidade dos braços para as manobras



da carabina, deverá adquirir uma decisiva galhardia nos movimentos dos membros inferiores.

Não basta, porém. As virtudes somaticas não fazem por si só o soldado. Ellas devem harmonisar-se com qualidades sentimentaes ligadas ao altruismo, á obediencia, — mas para estas não organizei, neste artigo, o substracto material.

Os dois jovens indianos que aqui estão é que fazem pontaria com o arco — que centro farão funcionar!

Os centros visuaes, necessariamente, e todos os do movimento. Digo todos, porque nelles entram as attitudes do corpo, unidas ás dos braços e das mãos.

E assim, passando destas actividades de movimento dos grandes grupos musculares aos movimentos menores, mais delicados do larynge e das cordas vocaes, será facil fazer um juizo de mecanismo physiologico-cerebral de um cantor.



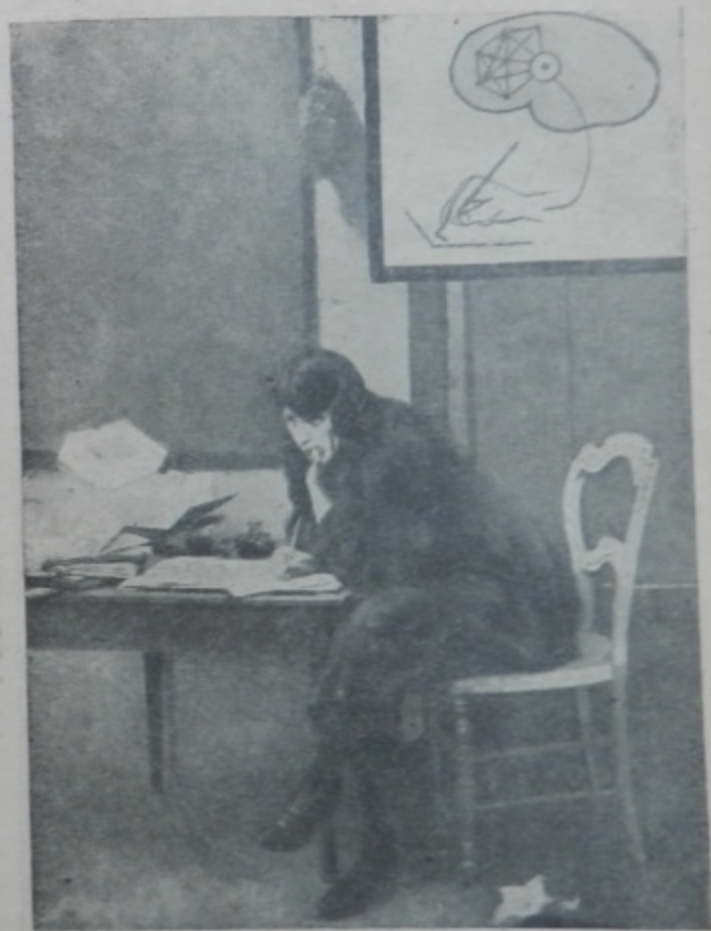
O centro do ouvido estará em intima relação com o centro do movimento do orgão da palavra, centro descoberto por Broca e que se encontra na terceira circumvolução frontal ascendente.

Isto para os cantores como simples executores, pois que muito mais complicado é o mecanismo no cantor creador das notas que elle proprio executa. Em Rouget de Lisle, por exemplo, que, num momento de profunda emoção esthetica encontra o motivo da Marselheza, aos centros nervosos das acções materiaes se associa a vibração delicada dos centros da paixão, que com toda probabilidade estão localizados na medulla alongada.

O pensamento profundo, a grave especulação, que precede ou

acompanha um trabalho de raciocínio, não é por certo obra dos centros que acima estudamos.

Aqui, o movimento é todo íntimo, se desenvolve em vibrações



internas, endo-cerebraes, com trocas de oscillações entre os centros mais elevados do pensamento, entre os centros associativos, ideativos, da abstracção, da razão. O campo de acção destas



fôrmas superiores de elaboração intellectiva escapa ás pesquisas do physio-psychologo. Acredita-se que sejam as regiões frontaes do cerebro que se incumbem da creação das obras da intelligencia, mas não ha nada positivo. Os microcephalos, com frontes fugidias, têm o cerebro, na sua parte frontal, muito adelgado e não dispõem de intelligencia. Mais: as molestias que atacam isoladamente essas regiões do orgão do pensamento, profundamente o ferem mesmo em suas funções. Os traumatismos, os ferimentos, as commoções que compromettem a contextura morphologica dessas circumvoluções frontaes prejudicam seriamente as manifestações do intellecto.

Por ultimo — nos advogados, muitas zonas cerebraes são postas em jogo. Centros associativos, centros sentimentaes, ligados entre si, devem fazer perfeita equação com os centros da lingua-gem e da mimica.

Se prevalecem estes ultimos sómente... então, em vez de advogado, teremos um palrador, um tagarela, um charlatão.

•
•

Tornando ao principio, passados poucos mezes, encontrei-me de novo com Carducci. E como eu continuasse mais entusiasta que d'antes, lhe disse:

— Professor, porque não toma por thema o maravilhoso meca-nismo do cerebro para entoar um canto digno desse prodigioso phenomeno?

— E' grandioso — tornou-me elle — é bello, bellissimo, esse gigantesco instrumento musical! Perfeitissima... bella, esta... "immensa harpa" de cordas nervosas, que vibra ao tanger dos affectos humanos!

E todo se concentrou em profunda meditação...

UGO PIZZOLI,

da Universidade de Modena.